



ENTRE LUZ E CALMARIA

O dia se despedia em silêncio, como se o próprio tempo tivesse decidido descansar. O céu, antes azul e claro, foi se transformando em uma tela viva de cores: laranja, dourado e lilás se misturavam de forma apressada, mas ao mesmo tempo serena, pintando o horizonte com delicadeza. Era como se a natureza quisesse lembrar que, apesar da pressa humana, cada entardecer traz uma beleza única, impossível de ser repetida.

Enquanto o sol descia, pensei em como esquecemos de parar. Corremos de um lado para o outro, mergulhados em telas, compromissos e cobranças, sem perceber que os instantes mais simples podem ser os mais necessários. O pôr do sol não tem botão de pausa; ele é a própria pausa. É o convite silencioso para respirar fundo, desligar-se das preocupações e simplesmente estar presente. Foi nesse instante que imaginei te chamar, não como obrigação, mas como partilha: “venha ver o pôr do sol comigo”.

Não é preciso trazer palavras, pois o silêncio também fala. Ele guarda cumplicidade, traduz sentimentos e permite que a alma se expresse de maneira mais verdadeira do que qualquer discurso. A luz se despede devagar, como quem sabe a importância de deixar espaço para a calma. E, nesse ritmo suave, aprendemos que o fim do dia não é um encerramento, mas o anúncio de um recomeço. O que a lua esconde e revela é também um lembrete de que a vida se renova em ciclos.

Algumas coisas são simples demais para serem explicadas, mas profundas o suficiente para jamais serem ignoradas. O pôr do sol é uma dessas lições silenciosas que nos atravessam: ele nos convida a desacelerar, a valorizar o instante e a perceber que, entre a pressa e o cansaço, existe um espaço de beleza e esperança. Entre luz e calmaria, descobrimos que o tempo não precisa ser um inimigo, mas pode se tornar um abrigo..

Alice Werner

8º ano / Balneário Camboriú

2025